

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 214 — Domingo, 14 de Julho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

UMA POUSADA em Cacela

POUCO a pouco o Algarve vai sendo devidamente valorizadas as suas melhores estâncias e vistas panorâmicas, que são para os turistas que nos visitam, um autêntico paraíso, uma verdadeira região de sonho.

Todo o Algarve litoral,

VAI SER CONSTRUÍDA PELO S. N. I., NO FORTE DE CACELA, UMA POUSADA DE LINHAS MODERNAS

desde as suas rochas rendilhadas de recortes caprichosos, que o mar num gesto magnânimo de arte vem prodigalizando de há séculos, até às meigas regiões do sotavento, de areas extensas e de um mar azul que ao longe se confunde com o céu, tudo é um vasto e único panorama que nos deleita e faz sorrir, extasiando o mais circumspecto turista.

No entanto o Algarve ainda está mal servido, de acomodações condignas aos turistas, que cada vez mais numerosos nos visitam.

Existe no Algarve, a Estalagem S. Gonçalo em Lagos e uma Pousada que pelo seu curto espaço e poucos quartos muito deixa a desejar, em S. Brás de Alportel, já na serra, e muito longe da rota traçada pelos viajantes que procuram na brisa do mar o repouso para os seus calorosos corpos e espírito.

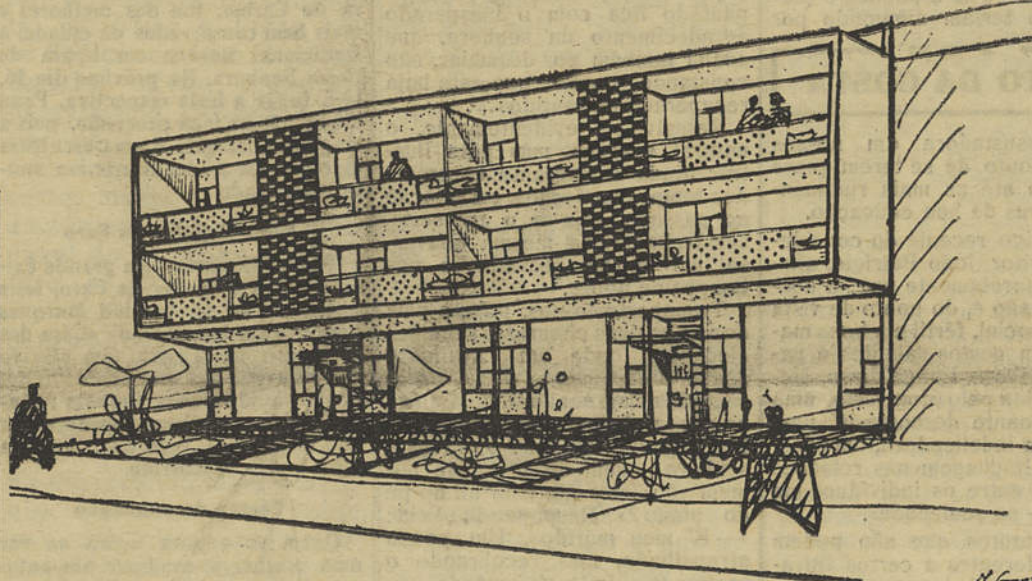
Era uma falta que se tor-

nava necessário reparar no mais curto espaço de tempo. A zona sotaventina merece destes amparos para que a sua vida turística prospere condignamente.

Deste modo, querendo dotar esta zona de uma pousada, com linhas modernas e com os melhores requisitos de conforto, uma pousada luxuosa e de grande alcance turístico, deslocou-se ao Algarve o sr. António Cordovil acompanhado de outro inspector do Secretariado Nacional de Informação, a fim de escolherem um local, que reunisse todos os requisitos necessários para uma estância turística.

Assim, estes dois senhores que nos deram o prazer da sua visita ao Algarve,

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



É um hábito muito generalizado entre as pessoas ricas da Província, empregarem os seus capitais adquirindo prédios de rendimento em Lisboa, muitas delas evidenciando, com essa aplicação do seu dinheiro, uma lamentável ingratidão pelas terras que as ajudaram a prosperar.

Felizmente, há excepções dignas de serem apontadas, quanto mais não seja, pelo que encerram de bom exemplo. Citamos um: Jorge Manuel Medeiros, vilarrealense residindo há longos anos na Capital resolveu, e muito bem, dar uma ajudinha para a solução do problema local da falta de casas. E aqui mandou construir (no prolongamento da rua dos Centenários) um prédio — de que a gravura mostra a fachada principal — para 12 inquilinos.

A construção, que cobre uma área de 700 metros quadrados e cujo custo está orçado em mais de 600 contos, foi projectada pelo arquitecto Manuel Gomes da Costa, também nosso conterrâneo, e eng.º Apolónia Correia. São empreiteiros: Diamantino Leiria e António Fernandes. E, segundo sabemos, logo que este prédio fique concluído, um outro se lhe seguirá, para 18 inquilinos.

Quer dizer: na nossa terra, a iniciativa particular, em matéria de habitações para a classe média, está a dar um arzinho da sua graça. Parece-nos, portanto, que seria a altura de os organismos da Previdência e as entidades patronais darem também sinal de si em matéria de construção de casas para trabalhadores. Ou será sugerir demasiado?

A OBRA DE AGOSTINHO DA SILVA

— POR VASCO ABIÚL —

MODERNAMENTE, os estudos biográficos tomaram um carácter de independência que lhes deram foros de Arte própria, no que um aspecto de Arte toma na sua interdependência com os outros aspectos de Arte e, quando, a sua forma de comunicação é suficiente, completa, no satisfazer da curiosidade intelectual de quem a pro-

cura. Tanto mais que essa independência avulta do grau de evolução que a biografia tomou, vindo da sua maneira primitiva de contar a vida das pessoas. Então, apenas os efeitos, a acção e movimento importavam, e quando se relacionavam com algum acontecimento era mais para vincar a importância doutra terceira coisa, por exemplo:

a vida dos santos, em que o acto milagroso importava para vincar a importância de Deus e não a do biografado, que, propriamente, o momento ou o valor do biografado.

Ludwig e Zweig, Romain Rolland e Huxley, vieram mostrar como, na biografia, o que mais importava era o conhecimento da personalidade em relação com o seu tempo (e aqui «tempo» significa acontecimento, momento, ideias, paixões, lutas — todo esse emaranhado de factos que formam a vida de uma colectividade humana). Seguindo essa tendência, mas dando personalidade e encanto próprio aos seus trabalhos, Agostinho da Silva contrói uma obra de investigação bibliográfica toda sua, dada a directriz de elucidação popular que lhe vincou. A

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

DE VEZ EM QUANDO...

MONTE GORDO

A MANDO da minha profissão estive desta feita em serviço de exames em Oeiras.

Exames da terceira classe, a primeira grande responsabilidade

PELO

Prof. TRINDADE E LIMA

de que uma criança sente sobre si.

Tenho a impressão de que estou a ver um bando de passarinhos, mal saídos do ninho, ainda implumes, a quererem tentar voar.

Gárrulo com elas e faço por ser um companheiro que ali vai para as ajudar naquele passo difícil.

Ao fim fico-lhes agradecido porque me inundaram a alma duma claridade pura a que não andamos costumados nestas voltas feitas da vida.

Entre as avezinhas que gorjeavam, lá estava uma de Vila Real de Santo António. Se nós não havíamos de conversar quase vizinhos de berço.

E levámos a rir, eu a dizer-lhe que não sabia pronunciar o seu nome e a perguntar-lhe se afinal ela era Maria Ema ou Maria E' — má.

Entre outras coisas confesso-me que preferia Monte Gor-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Importância de trapos

A Maria Amélia é a pequenita da mulher a dias. Maria Amélia é o que realmente é, mas ninguém lhe dá senão Mélla. Querita só que vissem o desembaraço dela, a ajudar a mãe na limpeza... E canta. Canta nada conhecido. Coisas que ela inventa. Frases ou somente palavras cujas sílabas aumenta ou diminui de tom. O'pera autêntica. Delicioso-me às vezes, escutando-a.

Isto, o trabalho e a cantoria, antes de eu chegar ou sem saber que estou. Mal dá por mim, pranta-se à minha beira desvendando-me todos os gestos com aqueles grandes olhos pestanudos ou então, enquanto trabalho, brinca ela. E ninguém a venha chamar, ninguém a tente que é em vão... Dali não sai ou, como diz a mãe dela «dali é que não desarrinca»...

A principal riqueza de Mélla é uma boneca de trapo e serradura. Há cousas que nós, adultos, dificilmente compreendemos, como esta de uma boneca de trapos constituir a principal riqueza. Espero que algum poeta irmão da Mélla me esteja lendo, esse compreenderá que um verso de trapos, uma imagem de trapos, podem ser, como a boneca de trapos da Mélla, a riqueza maior de todas.

Sem contar com a boneca

Entrei, a Mélla veio sentar-se a meu lado, à chinesa. Embrulhava, desembrulhava a boneca.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Engenheiro SILVA CARVALHO



O nosso ilustre colaborador e comprouviano sr. José da Silva Carvalho, que já era engenheiro de minas, especialidade a que tem dedicado vários trabalhos, salientando-se, entre eles, um valioso estudo sobre a «Ferraria da Foz do Alge», publicado em separado dos fascs. 3-4 do vol. VIII de «Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro», acaba de concluir, com muito brilho, a sua formatura em engenharia civil.

Por tal motivo, apresentamos a este nosso prezado amigo efusivos cumprimentos de felicitações.

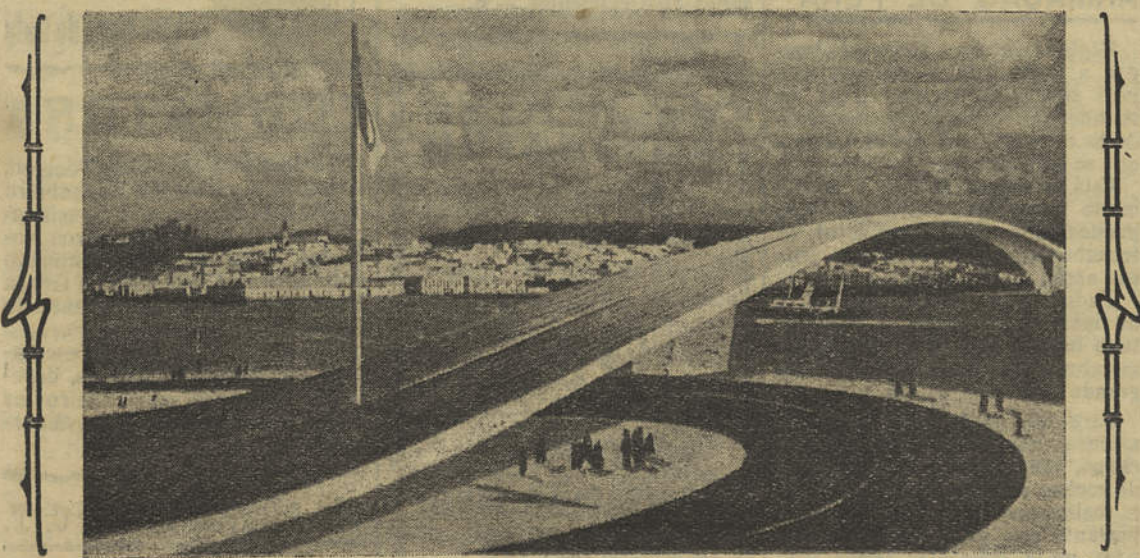
CRÉDITOS ESPECIAIS

a favor do Ministério das Obras Públicas

Foram abertos créditos especiais a favor do Ministério das Obras Públicas, no Ministério das Finanças, para os seguintes trabalhos:

Campina de Silves, Portimão e Lagoa, 677.065\$60; Enxugo dos sapais algarvios, 6.979.301\$20; Porto de Vila Real de Santo António, 1.500.000\$00.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



Ante-visão da Ponte sobre o Rio Guadiana, da autoria do artista vilarrealense de comprovados méritos, José de Lima

A PONTE SOBRE O RIO GUADIANA

VILA Real de Santo António, mais de uma vez, tem demonstrado quanto lhe seria útil e de grande alcance económico para toda a província do Algarve a construção de uma ponte, ligando as duas margens do Guadiana, como que num abraço fraterno entre dois países irmãos.

A fronteira da nossa vila está sendo preferida, de ano para ano, pelos turistas, tomando tal incremento o tráfego que já se pode trazer por milhares de passageiros e centenas de automóveis.

Mas se o turismo algarvio é uma fonte de receita apreciável, não deixa de ser certo que, apesar de todos os seus benéficos

E A SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA ECONÓMICA

E TURÍSTICA DO ALGARVE

aditamentos ao desenvolvimento do comércio e da indústria, na nossa província ainda está longe de atingir o nível desejado; ora, uma ponte, que desembocasse em Aiamonte, traria um maior movimento de turistas e, consequentemente, à economia do Algarve ser-lhe-ia prestado um grande

auxílio na sua expansão de novos mercados, com mais rápido transporte dos seus produtos.

Não só a nossa província vê os benefícios que dessa construção adviriam; igualmente a cidade irmã de Aiamonte, pelo seu magno alcaide, viu esses benéficos resultados para um maior movimento de turistas e maior incremento económico da província de Huelva.

Quando da estadia do ministro espanhol de Obras Públicas, sr. Conde de Vallellano, em 20 de Abril do passado ano, em Aiamonte, o ilustre e dinâmico presidente da Câmara daquela cidade, D. Narciso Martín Navarro, fez identico pedido, demonstrando, num amplo estudo de rara visão, o alto valor do empreendimento da citada obra, conjuntamente com Portugal, ponte essa que «soltando las dos orillas nos permitiera unir definitivamente nuestros afectos», na sua frase que, de um modo simples e despretensioso, define a utilidade que tal obra

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



apresenta

UMA CRÓNICA

por semana

TEMOS na nossa frente mais um livro de Victor de Sá: «Problemas da Mentalidade». Um livro de Victor de Sá é sempre uma afirmação e uma certeza, mesmo quando, como no caso presente, nada mais é, embora muito represente, do que a reunião em volume dos apontamentos para uma conferência e de três artigos que a Imprensa publicou. E é pena que Victor de Sá não reúna em volume todos os seus escritos dispersos pelos jornais, mesmo, e sobretudo, aqueles que são o produto da sua mocidade indomável e inconformista.

Tão actuais e flagrantes são as suas palavras e considerações, tão lúcidas e esclarecidos os seus

juízos que ninguém dirá que alguns dos artigos que nestas colunas foram recentemente publicados datam ainda da mocidade, dos verdes anos que tudo querem levar de vencida, daquele tempo já muito recuado em que o DR. não antecedia ainda o seu nome, do tempo em que o licen era o seu maior campo de acção.

Talvez um dia Victor de Sá nos queira fazer essa agradável surpresa — pela nossa parte contribuímos já com o que tínhamos à mão, não para exaltar o homem que admiramos, mas para pôr ao alcance das inteligências aquilo que há anos aguardava, na gaveta da nossa mesa de tra-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante sr. João Batista Brito, residente em Lisboa.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila, a estudante menina Maria de Fátima Glória Cavaco.

Com curta demora, esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso estimado amigo sr. Luis Gonçalves Camarada.

Esteve em Almodôvar, tendo já regressado à sua residência, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eurico Gonçalves Rosa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. Helder Santana Toledo.

Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Com curta demora, esteve nesta vila, tendo já retirado para Beja, onde presta serviço na Caixa Geral de Depósitos, o nosso prezado amigo sr. Francisco Carança Cipriano.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante sr. tenente Manuel Francisco dos Santos Domingos, residente em Faro.

2.º COMANDANTE DO BATALHÃO N.º 2 DA GUARDA FISCAL

Na passada quarta-feira, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. major Viriato Marques dos Santos Oliveira.

O illustre visitante, que também visitou a Praia de Monte Gordo, à qual fez elogiosas referências, foi recebido e cumprimentado pelo sr. tenente João Miguel, comandante interino da 4.ª Companhia da Guarda Fiscal.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Acariciava-a, ralhava-lhe, chorava e ria com ela.

Finalmente, com mil cautelas dobrou-a na romelra fora de moda que lhe emprestou, deitou-a. Ficou olhando alternadamente para ela e para mim.

— A tua filha é muita bonita.

— E' pois.

— Podias dar-ma.

— Não, não dou.

Agressiva, com uma estranheza na voz que significava: Isso pede-se? Isso dá-se?

Logo os olhos se amaçaram, voltaram à sua condição de flores libertas. Pareciam medrosos. Prescritava-me os pensamentos, queria avaliar até que ponto me ofendera ou me contrariava. E numa voz implorativa:

— Peça-me outra coisa...

Ela agora é que estava séria, com uma pontinha de noite nos olhos claros, e eu é que estava sorridente e comovido. Pedi-lhe um beijo, deitou-me um colar deles ao pescoço...

E ficaram duas pessoas felizes, sem contar com a boneca.

O que Ela responderia

Eu acho que não é preciso ter costela de bruxo nem andar a consultar estrelas para verificar que a guerra, o espírito do mal, está recuando para o mais fundo da caverna.

Tal como, para saber o tempo, não é preciso recorrer sempre ao Boletim Meteorológico. Basta ver a marcha e a cor das nuvens, a corrida do vento, a tonalidade do mar ou da serra. Aprendi isto hoje de manhã quando, no dentista, esperava a minha vez para a cadeira eléctrica. Eramos quase tudo mulheres. Duas falavam como tinham empregado as novenas de Maio.

— Uma das nossas foi dedicada à Paz. Que Nossa Senhora nos oiça.

Há-de ouvir. Ela também é mãe. Se lhe forem perguntar se queria a guerra sei eu bem o que Ela responderia...

Nisto, chegou a vez da que falava. Ficou tudo suspenso, sem saber ao certo o que Nossa Senhora responderia. Só um instante. A tranquilidade voltou. Cada qual, respondendo por si, acertou com a resposta.

Maria Manuela Nunes

AMABILIDADE, CORTESIA & C.ª L.ª DA

MEM-SE falado muito, ultimamente, de polidez, cortesia, amabilidade e outras variadas formas de bom tom e de bom gosto.

Em face de determinados factos, indaga-se se a polidez e cortesia não teriam diminuído por

POR PINTO DA GOSTA

forma assustadora em nossos dias, a ponto de se terem quase esquecido até as mais rudimentares regras de boa educação.

Em artigo recente do considerado escritor João Patrício, afirma-se concretamente que «a nossa época não é, do ponto de vista de trato social, fértil em boas maneiras, em gestos galantes e palavras corteses. Longe disso. Nella campeia, pelo contrário, uma impressionante descortesia, uma quotidiana indelicadeza, uma descabelada linguagem nas relações correntes entre os indivíduos em público — na sociedade».

Como tantos que não podem ficar indiferentes a certos intragáveis desconchavos, também nós, em acto de contração, entendemos que não seria demais, nesta altura, recordar e fixar duma vez para sempre as chamadas regras de bom tom e o código das boas maneiras, que definem o conceito da civilidade entre os homens.

E' a um velho e esquecido compêndio para meninos e não às páginas de qualquer possível edição aparecida ultimamente nos escaparates das livrarias, que vamos respirar algumas palavras sobre essa tão desprezada pequenina-grande coisa que se chama civilidade e que já no século XVIII lady Mary W. Montagu dizia não custar nada e tudo comprar.

Esclarece, pois, o citado livrinho que «a civilidade é um testemunho exterior de benevolência, atenções e deferência. E' propriamente uma disposição habitual que nos faz evitar, no comércio da vida e no trato com os homens, tudo o que pode ofendê-los ou desagradar-lhes, constituindo, assim, o sinal distintivo de uma boa educação e dispondo logo os outros em nosso favor».

Cremos que ainda hoje todos, mais ou menos, estamos de acordo com esta tão bem achada definição, embora, pelos vistos, na prática, demonstramos dia a dia, exacta e sobejamente, o contrário.

Vai longe, na verdade, o tempo em que, por mera cortesia, os chefes de dois países beligerantes davam ao outro a prioridade de abrir fogo sobre as próprias tropas, só depois se lançando na mais sangrenta e encarniçada das batalhas, um pouco à semelhança dos «boxeurs» que, ainda hoje, se cumprimentam, amistosamente, antes e depois de se esmurrarem de maneira tão feroz.

Evidentemente, não pretendemos, com isto, justificar tantas e tão pouco dignificantes faltas de cortesia de que a nossa época está cheia como um ovo.

Quanto a nós, porém, a crise não será apenas de educação. A descortesia é, realmente, de todos os tempos, pese embora aos que só hoje dão conta dela, mas uma certa agudeza de espírito e de humor, capaz de transformar tantas vezes essa mesma falta de delicadeza num momento de pura e sã cortesia, afigura-se-nos, de facto, não ser, hoje, moeda corrente entre os homens.

Na realidade, falta-nos agora esse fino e subtil humor que, noutros tempos, sabia transformar nma frase dura e indelicada um sorriso ou num dito mil vezes amável e, não raro, num galanteio, doce e perfumado, a cintilar espírito.

Havia, então, o culto das frases galantes e da elegância nos gestos e nas atitudes, a tal ponto que eram frequentes casos como este, de que foi protagonista o nosso rei D. Manuel, pouco depois de subir ao trono e num dia em que passava, incógnito, pelas ruas de Lisboa. Tendo-o reconhecido, a passagem, uma humilde florista, atirou-lhe, gentilmente, aos pés, todas as flores do seu cabaz. Surpreendido, o monarca (conta um illustre historiador), rompendo resolutamente todo o protocolo, saiu do seu lugar e beijou galantemente a mão da florista. Foi então que os dignitários, atordoados com o caso, murmuraram: — Que imprudência!, ao que lhes retorquiu o soberano: — Mais vale ser imprudente que descortês».

De como anda, efectivamente, arredo dos espíritos de hoje o culto da gentileza, conta-se a seguinte anedota que pretende ser, com efeito, retrato fiel do que se passa actualmente, do ponto de vista de trato social. O caso passa-se num eléctrico, onde um sujeito se ergue imediatamente ao ver entrar uma senhora, a quem

oferece o lugar. Tão surpreendida fica, porém, a dama com o gesto raro do cavalheiro, que desmaia. Quando volta a si, não pode deixar de agradecer, efusivamente, ao amável desconhecido, o qual, por sua vez, tão espantado fica com o inesperado agradecimento da senhora, que acaba também por desmaiar, não constando, porém, que este haja recuperado os sentidos...

Ressalve-se, evidentemente, o natural exagero, mas para ilustrar ainda o flagrante contraste dos tempos modernos, em relação ao passado, veja-se o que seria, sensivelmente, a mesma conversa, em épocas recuadas e nos tempos de agora.

Transportemo-nos, pois, a uma dessas antigas chamadas reuniões elegantes, onde um cavalheiro acaba, precisamente, de ser apresentado a uma senhora, com quem conversa durante algum tempo. De repente, diz-lhe: — Minha senhora, quem será aquele homem tão feio que está ali ao pé do piano? Responde-lhe ela: — E' meu marido. Um pouco atrapalhado, mas recobrando o sangue frio, logo ele emenda, encantado: — Oh! Bem se diz que os homens mais feios é que têm as mulheres mais bonitas».

Vamos, porém, surpreender agora a mesmíssima reunião elegante, simplesmente realizada muitos anos depois, isto é, em nossos dias: Ela — Quem é essa senhora com cara de parva, com quem acaba de dançar? Ele — E' minha irmã! Ela — Perdão, meu amigo! Não tinha ligado atenção ao muito de parecido que ela tem consigo...

Na aparente simplicidade destas anedotas, realmente de alma-naque, supomos, todavia, descortinar a justa medida de duas épocas distintas, em que um bem cultivado requinte de gestos e de palavras, cedeu, porventura, lugar a uma quotidiana pobreza de ordem mais profundamente cultural.

Eis porque a actual crise não nos parece apenas de educação e boas maneiras, mas também da ausência de certos dons de espírito e de inteligência.

Certo, na verdade, que muitas vezes nos fica verdadeiramente caro o ser gentil e nos foga, por conseguinte, a vontade, de tornar a ser amáveis. Falso ou verdadeiro, este episódio (o que importa é o exemplo, neste caso) conta-se também que, certa vez, no eléctrico, um cavalheiro ofereceu vinte escudos a um rapaz dos seus quinze anos, para ceder o lugar a uma dama. Esta diz que de forma alguma pode aceitar um lugar que lhe custou tanto dinheiro, mas o cavalheiro contestou: — Paguei os vinte escudos, minha senhora, apenas para dar uma lição de cortesia a este garoto! A dama, então, senta-se e, voltando-se para o miúdo, diz: — Jorge, meu querido filho, agradece a este senhor os vinte escudos que te deu...

Na França foi instituído, recentemente, um prémio para galardoar a pessoa mais amável do ano. Coube esse prémio, por sinal, em 1956, à porteira do acrédio em que habita o famoso académico e autor da «Atlantida», Pierre Benoit.

Também em Portugal, o semanário «Educador» resolveu promover uma campanha igualmente louvável nesse aspecto, mas tão feliz iniciativa não obteve ainda, pelo menos na primeira experiência realizada, aqueles resultados, mesmo sofrivelmente palpáveis, que seria de desejar. Há que teimar, telmar sempre, «para que se lancem — como o jornal firmemente deseja — os fundamentos de uma vida de compreensão e de respeito pela dignidade e até pela sensibilidade alheias», não apenas, porém, no dia 29 de Janeiro, que o mesmo jornal propõe seja, em todo o País, o «Dia da Amabilidade», honrando S. Francisco de Sales, «modelo inalterável de mansidão e de gentileza extrema», mas em todos, todos os 365 dias de cada ano, cumprindo-se assim a cavalheiresca arte de «ser tão amável com o porteiro, como com o nosso ministro».

(De Vouga)

CAPITÃO LEITE FARIA

De visita aos trabalhos do atunheiro, que está a construir-se nos estaleiros do sr. António Pena, esteve nesta vila o sr. capitão Leite Faria, acompanhado dos restantes proprietários do referido barco, srs. Jorge Fonseca, dr. Jorge da Fonseca e o armador sr. Francisco Nápoles Pacheco.

Depois de visitarem as obras em curso e o estaleiro naval, foram convidados pelo sr. António Pena para um almoço, que teve lugar na esplanada da Praia de S.º António.



PROVINCIA

TAVIRA

Novena de N. S.ª do Carmo

Iniciou-se no passado domingo, pelas 21,30 horas, no magnífico templo da Venerável Ordem Terceira do Carmo, um dos melhores e mais bem conservados da cidade, a tradicional novena em honra de Nossa Senhora. No próximo dia 16, terá lugar a festa respectiva. Pena é que não se faça procissão, pois a magnífica imagem é uma escultura maravilhosa e encontra-se em muito bom estado.

Feira Popular de Faro

Tem continuado com grande êxito a Feira Popular de Faro, feliz iniciativa do sr. capitão Marques Loureiro em benefício da «Casa dos Rapazes». De Tavira, têm afluido muitas excursões, mormente aos domingos à noite, pois no quele recinto passa-se um bom bocado e por pouco dinheiro, pelo que continua a ser muito concorrido.

Cartas de condução

Quem se admira agora ao ver uma mulher a conduzir um automóvel, uma moto, uma bicicleta ou até um avião? Caso vulgaríssimo, generalizado em todo o mundo. Sem pretendermos discutir aqui os prós e os contras de tais modernas actividades femininas, registamos a sorrir o que sucedeu, no Porto, a Carolina Maria Branca, de 31 anos, ali residente. Ao passar de moto no lugar de Juncal, S. Félix da Marinha, teve um acidente e sofreu ligeiros ferimentos, sendo detida por falta da respectiva carta de condução, a qual declarou ir tirar. Julgada e condenada em 1.000\$00 no Tribunal de Polícia, o magistrado, sr. dr. António Quintela, observou à ré: «Em vez de tirar a carta de moto, procure, antes, conseguir a carta de boa dona de casa. Verá que, de futuro, evitará incómodos desta natureza. A mulher tem de viver para o lar. Se o fizer, já tem muito onde se entreter. E' função que prestigia e dignifica».

Aqui por Tavira o elemento feminino também resolveu tirar carta de condução e raro é o dia que se não vêem pelas ruas da cidade novas candidatas a preparar-se para tal...

O Comércio de Tavira

Em pleno verão, quando se esperava que melhorasse o comércio, o mesmo continua em crise. As transacções são diminutas, lutando o comércio de Tavira com um volume de vendas muito reduzido, em virtude do baixo poder de compra da sua população, acrescido com o aumento cada vez maior dos encargos fiscais, camarários e corporativos, o que torna a vida do comerciante árdua e difícil, pois ainda, para prejudicar mais a sua vida, o crédito bancário na cidade pouco existe. E' lamentável que não se ampare o mesmo, que contribui sempre para o erário público. — C.

ARMAÇÃO DE PERA

Registamos com o prazer de sempre a actividade já desenvolvida pela secção de turismo local, no sentido do melhor aformoseamento desta estância, com vistas à época que se avizinha.

Está assegurada a água a todos, e muito temos que louvar o digno presidente do organismo local, sr. tenente-coronel Santos Gomes, pela sua acção.

Tudo o mais, está sendo objecto de merecida atenção a resolver, tudo indicando e pelas muitas casas alugadas, que a época será de grande afluência.

Para tal, muito contribui a sua extensa praia, com o mar sempre calmo, um conjunto surpreendente de rochas encantadoras e que muita beleza nos oferecem. Continua portanto esta praia a ser preferida para umas merecidas férias. — C.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

ODELEITE

Baldios, Rocios, Lugradouros públicos, etc.

Foi com agrado que chegou ao nosso conhecimento, a pequena reacção que produziu a local inserta neste jornal, no número anterior, sobre o assunto a que novamente nos vamos referir.

Foi chamada pessoa que por desconhecimento e sem ser proprietário confinante, aproveitou uma infima parcela de terra, junto à ribeira, no louvável intuito de produzir o necessário para ajudar o pão de todos os dias.

A propósito faz-nos lembrar: Pouco depois dos meados do século passado foram divididos pelos habitantes uns baldios, nos subúrbios desta povoação, ficando reservado para lugradouro público, uma regular parte dos mesmos. Passaram alguns anos e os proprietários confinantes interessam-se aos poucos. Passam mais anos e o internamento continua.

A entidade que então administrava, «fechava os olhos», e iam-se sucedendo periodicamente com hereditarieidade de costumes. São finalmente demarcados todos os baldios, com marcos de pedra, (os da primeira demarcação deviam ser de cera), e o internamento prossegue, desaparecendo os mesmos.

Assim, actualmente, está o que sobejou dos internamentos, reduzido a expressão bem simples, onde mal se localiza uma casa, uma escola e um cemitério, para formar a trílogia simbólica: Pão, instrução e morte.

Para urbanização é sobejamente conhecida a forma como se agia; basta dizer-se que autorizados 100 metros quadrados ocupavam-se tantos quantos o desejo e finanças de quem os pedia e parentesco ou amizade com os administradores do «Rocio».

E foi preciso, para que não estivesse eternamente no anonimato, que o «Notícias do Algarve» deixou publicar nas suas colunas, volvidos que são tantos anos, o que já há muito devia ser conhecido...

Exames

De toda a freguesia, incluindo a sede, foram propostos a exame, 50 crianças de ambos os sexos, havendo apenas uma reprovção: Masculino 27 e feminino 23.

Percentagens reduzísimas que prova bem a boa vontade dos mestres.

Novo Guarda Rios

Por ter sido aposentado o senhor Henrique Lázaro Martins, foi substituído pelo senhor Virgílio Cavaco Madeira que fixou residência nesta localidade.

Lavadouro

Continuam a lavar no sítio que devia ficar de reserva para bebedouro de animais e gastos domésticos. Pedem-se providências a quem de direito, para evitar possíveis e sérios aborrecimentos. — C.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António
De 6 a 12 de Julho:

TRAINEIRAS

Flor do Guadiana	191.163\$00
Norte	180.930\$00
Aldita	168.400\$00
Liberta	166.900\$00
Raulito	166.350\$00
Conceicanita	160.388\$00
Infante	157.415\$00
Sul	157.400\$00
Brisa	155.250\$00
Levante	149.180\$00
Rajada	131.780\$00
Agadão	120.050\$00
Maria Rosa	110.870\$00
Mogador	106.630\$00
Tozé	105.575\$00
Deolinda Rita	94.530\$00
Ramira	68.180\$00
Lagoa Azul	52.900\$00
Pingum	23.897\$00
Janita	7.350\$00
Novo S. José	5.200\$00
Total	2.480.338\$00

CERCOS

Lívio	109.400\$00
Novo Machado	98.930\$00
Total	208.330\$00

Atum da Costa Algarvia

536 Atuns	438.758\$30
35 Atuarros	17.691\$60
6 Albacora	2.200\$00
Total	458.649\$90

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António
De 6 a 12 de Julho:

Entrados:

ROLANDSECK, Alemão, de 1299 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.

Saídos:

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 13 a 19 de Julho, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEIRO & C.ª
Vila Nova de Gaia

FORMATURA

No Instituto Superior Técnico, terminou o curso de Engenheiro de Máquinas, com alta classificação, o sr. Eduardo Barreiros Nogueira, filho do nosso estimado assinante sr. Guilherme da Graça Nogueira, digníssimo gerente do Banco do Algarve, em Faro, a quem, por tal motivo, apresentamos as nossas felicitações, desejando ao novo Engenheiro as maiores prosperidades na nova carreira.

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

Simples ou... com água
Peça em toda a parte

KOPKE
1638

Prefira a melhor
Prefira Kopke

VAI CASAR UMA SUA AMIGA?
NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?

VISITE A

MERCEARIA NOVA

DE

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

onde encontrará os mais bonitos brindes em

VIDROS E LOUÇAS

das melhores qualidades, não pagando luxo.

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Secção orientada por DAVID LOPES

O PROBLEMA DO CINEMA NACIONAL (5)

Comentado e discutido por David Lopes, Candelas Nunes e José Espinho

(Conclusão)

D. M. — Crês, então, que tudo se pode resolver com o documentário e o 16 m/m?...

J. E. — A não ser que seja necessário passar aos portugueses um atestado de absoluta incompatibilidade para a arte cinematográfica.

D. L. — No que eu não acredito...

C. N. — Nem eu. Qualquer povo pode fazer cinema, desde que, claro está, para tal se criem as devidas condições.

D. L. — Estamos precisamente a assistir no país ao desabrochar de uma séria mentalidade cinematográfica. O movimento cine-clubista, aliado ao aparecimento de algumas honestas publicações de cinema, é sintomático.

C. N. — Acredito. No campo teórico parece ter-se dado, entre nós, um acertado encontro com as raízes fundamentais do cinema.

J. E. — Encontro que, por mais que isso nos pese, se não refletiu ainda, por pouco que fosse, nos nossos estúdios. Não podem negar o desequilíbrio. Se a consciencialização cinematográfica aumentou em Portugal, em relação ao cinema que importamos (do que não restam dúvidas) o mesmo não se passou no cinema que criamos.

C. N. — Lá chegaremos. Além de que, isso é, mais que um desequilíbrio, um dos aspectos fundamentais do divórcio existente em Portugal, entre o público e os produtores de filmes.

D. L. — Divórcio que aumenta, na medida em que a tomada de consciência do público é cada vez maior, e que se fica devendo em grande parte ao trabalho de esclarecimento e apostolado de 10 anos de cine-clubismo em Portugal.

C. N. — De momento, estamos no ponto de desejar tal divórcio. No dia em que, por via dele, chegar aos estúdios Nacionais a corrente de interesse pelos problemas cinematográficos que emana dos cine-clubes, aquela agora ainda pobre realidade do cinema nacional estará salva e segura.

J. E. — Muito nos falta ainda...

C. N. — O que falta, creio eu, será feito a seu tempo. Faltam, por exemplo, edições de cinema em português para satisfação da sede de uma juventude que quer saber cinema. As poucas revistas conscientes (agora inexplicavelmente silenciosas) os livros de cinema que alguns editores mais ousados têm lançado no mercado, programas e folhetos de cine-clubes, não chegam, por enquanto. Quem quiser mais, terá que mandar buscar fora. E claro está, que isto é vedado a muita gente, tanto pela questão económica, como porque nem todos sabem francês, ou inglês, línguas em que se encontram muitas das melhores edições de cinema. Mas a verdade é que quase todas as poucas publicações de cinema que possuímos, são de há cinco anos para cá, o que nos leva a crer que se continuará a escrever em Por-

tugal, no sentido de se fazer mais luz sobre os problemas do cinema.

J. E. — Esquecem de que nos falta, precisamente, um contacto maior e mais directo com as obras fundamentais que o cinema tem produzido.

D. L. — Não esqueçamos. Reconheço que essa limitação existe, em parte, mercê de uma infeliz falta de compreensão das entidades distribuidoras de filmes. E' conhecido o que se passa com os filmes exibidos em Portugal: Decorridos cinco anos, são as cópias queimadas e vendidas a metro. Trata-se de um crime, um verdadeiro e inútil morticínio, que nem as conveniências comerciais justificam. A Cinemateca Nacional deverá, no entanto, arranjar forma de evitar que tal aconteça, entrando em acordo com as empresas distribuidoras, a fim de que, passado o prazo de exibição, lhe sejam entregues as cópias, na condição de que elas só servirão em sessões de estudo. Desta forma, esse próprio problema será solucionado.

C. N. — Assim como todos. Basta, para tanto, que se trabalhe, sabendo o que se quer e se tenha como meta a dignificação do cinema em todos os aspectos.

D. L. — Exactamente. Mais do que tudo, o cinema nacional necessita de uma revisão total de condições e processos, um trabalho em profundidade de tal ordem e em todos os sectores, que mais valera, talvez, começar-se de novo, como se não tivéssemos já 60 anos de prática na arte das imagens...

Terminámos, assim, esta nossa conversa (bastante incompleta) sobre o cinema português. Sabemos perfeitamente que não dissemos tudo quanto se poderia ter dito; satisfaz-nos até se tivéssemos, acaso, dito alguma coisa. A verdade é que o problema do nosso cinema é de tal modo complexo, que, de forma alguma, poderia ter sido inteiramente tratado no decorrer de uma despreziosa conversa, e ficarão plenamente satisfeitas as nossas intenções, se tiver alguma utilidade aquilo que fizemos.

Mas o problema aí está. Mais do que nós, ele fala por si. Que os portugueses conscientes o estudem, persistente e desesperadamente, e que desse estudo algo resulte no sentido de lhe dar solução, são os nossos votos.

David Lopes
Candelas Nunes
José Espinho

CARTA DE PORTIMÃO

TEATRO DE AMADORES

PORTIMÃO sempre se tem interessado pelo teatro de amadores: não com o firme interesse que se põe na realização de ideais, mas com aquele outro interesse intermitente, periódico e fugaz que se dedica ao que é considerado, talvez, como um passatempo curioso e supérfluo.

Poderá dizer-se que, de certo modo, o teatro de amadores, como meio agradável de matar as horas de ócio, se tem mantido em Portimão desde há muito tempo, representado por uma meia dúzia de indivíduos, cuja boa vontade e abnegação nunca será demais reconhecer. De quando em quando, sem uma linha de conduta definida, sem um plano prévio de trabalho em grito de continuidade, essa meia dúzia de desinteressados «carolas», junta-se e dá à cidade um espectáculo de teatro quase sempre caracterizado por um nível modesto, mas regular.

Deste modo, juntando-se o útil ao agradável, ao mesmo tempo que se diverte a pouco exigente plateia, arranjam-se uns cobres para fins benemerentes.

No entanto, e não obstante ter-se conseguido criar um núcleo muito regular de amadores, em que se destacam os conhecidos nomes da família Jorge, Joaquim Valongo, Luiz Peixinho e outros, a verdade é que nunca, que eu o saiba, houve em Portimão um sério esforço consciente, no sentido de aproveitar as características culturais, informativas e educativas do teatro de amadores. Aliás, é isto que, pouco mais ou menos, se passa por todo esse país fora. O espirito do teatro de amadores, vive quase sempre alheio a ambições formativas, por

falta de condições, vontade e aptidão.

Parece, porém, que desta vez, se começa a desenhar em Portimão um esboço de teatro amador mais adulto: mais cheio de carga cultural e artística. Sob orientação do dr. Emilio dos Campos Coroa e sua esposa, antigos dirigentes de Teatro Universitário, o Grupo de Amadores Teatrais de Portimão, recentemente reorganizado em mais séria base, parece eivado de ambições mais largas e um entusiasmo nascente que virá, certamente, a produzir excelentes frutos. Do êxito da primeira apresentação em público do jovem grupo—a peça «Prémio Nobel», mais de ambientações e estudo às condições em que se irá desenrolar a sua actividade dão-no bem conta as três representações em Portimão e outras tantas em terras do Alentejo e Algarve, a que o grupo foi convidado. E se levamos em consideração que entraram em ensaios originais de Gil Vicente e Ramada Curto e que se projecta a apresentação de Teatro de Calderón de la Barca e Luiz Francisco Rebelo—a admirável peça «O Dia Seguinte», representada primeiro em Paris que em Portugal—, seremos obrigados a reconhecer, neste Grupo Cénico Portimonense, um caso muito sério e talvez único no panorama cultural da cidade.

Não estamos habituados a ver na nossa terra uma atitude tão firme esclarecida na previsão e resolução de tal ordem de problemas e, por isso, daqui incitamos o jovem Grupo a que prossiga sem desfalecimentos o caminho encetado.

De muito lhe poderemos vir a ser credores.

Gandelas Nunes

Breves noções para uma campanha ANTI-MOSCA

A mosca é um insecto que se reproduz na imundície. As fêmeas põem ali os seus ovos, os quais irão dar origem a larvas que, por sua vez, após determinada evolução, se transformam no estado adulto. Tendo na devida conta a necessidade que a mosca tem, no seu estado larvar, de realizar uma espécie de migração para o seu cabal desenvolvimento, os serviços sanitários têm procurado atacar a mosca naquele estado, fazendo construir nitreiras impermeabilizadas e circundadas por caleiras, onde as larvas, fugindo a um meio que não é propício ao seu desenvolvimento, encontram a morte.

A portaria 6114, de Abril de 1929, começa nestes termos:

«Que o ataque ao desenvolvimento das moscas é uma medida imposta pelos princípios gerais de educação e de sanidade». (Este conceito mantém-se na actualidade).

Efectivamente, nos países de nível de vida elevado e com uma educação cívica e sanitária dignas de registo — o problema da mosca quase deixou de existir. A compreensão e a educação sanitária são indispensáveis para se levar a bom termo uma campanha anti-mosca.

Sabe-se que a mosca é um insecto que entra em todas as casas, e mais naquelas cujo grau de limpeza deixa muito a desejar.

São precisamente os lugares imundos e pestilentos que as moscas mais procuram, onde poíam e de onde, uma vez saciadas, se dirigem para os locais mais diversos — mas preferindo sempre aqueles onde existem produtos alimentares, os quais serão, assim, conspurcados com variadíssimos germens, muitos deles altamente nocivos à saúde pública.

Muitas são as doenças em que a mosca pode servir de vector na sua transmissão. Dentre elas sobressaem, em primeiro lugar, as do grande grupo das Salmoneoses.

A mosca, porque é um insecto nojento, que habita os locais mais imundos mas que invade também habitações e estabelecimentos de géneros alimentícios, na vizinhança daqueles, merece um pouco de atenção da parte dos poderes públicos e autarquias locais mas, acima de tudo, da compreensão do público em geral no sentido de se educar e fazer vingar a educação sanitária pelo exemplo, evitando tudo o que possa permitir o desenvolvimento da mosca.

Como devemos fazer o ataque à mosca? Pode ser atacada no estado de insecto adulto ou no seu estado larvar. Hoje existem potentes insecticidas, que actuam heróicamente quer sobre as moscas quer sobre as suas larvas.

Mas será este o caminho a seguir numa campanha anti-mosca? Parece-me que o rumo deve ser outro.

Sabemos que a mosca, mas principalmente as suas larvas, em contacto com os insecticidas, vão, após algumas gerações, adquirindo resistência aos mesmos. Quer dizer: após algumas gerações, as moscas deixam de ter nos insecticidas aquela arma mortífera que dantes fazia morticínios em determinados locais onde aquelas se aglomeram. Nesta luta assim travada a mosca terá sempre possibilidade de vencer, devido à resistência adquirida aos insecticidas e à possibilidade da sua multiplicação astronómica.

O ataque à mosca e suas larvas terá de basear-se naquele princípio simplista e verdadeiro, que diz: A higiene de um aglomerado populacional e a salubridade dos locais de trabalho e da recolha de animais dentro do seu perímetro e para além deste, num raio de algumas centenas de metros — constituem a pedra basilar onde deve assentar o ataque duma campanha anti-mosca.

Se os resíduos alimentares não forem lançados na via pública, se em cada habitação existir um recipiente de recolha de lixos e outros alimentos à prova de mosca, se as ruas forem varridas diariamente, passadas semanalmente à agulheta e não se deixar permanecer a qualquer hora do dia os excrementos dos animais e outros; se se obrigar a limpeza diária dos locais de recolha de animais na área da vila, se não se fizerem estrumeiras nos quintais de habitações — uso tão vulgar nesta terra — se nas hortas mais próximas se exigir que se construam nitreiras ou que as estrumeiras sejam cobertas com terra batida ou se as estrumeiras municipais fossem colocadas a determinada distância da vila e a sua construção obedecer aos princípios inicialmente expostos — e teremos dado um passo decisivo no combate à mosca em Vila Real de Santo António.

As poucas moscas que então aparecessem seriam dizimadas pelas armas que hoje possuímos.

A propósito, gostosamente vou citar um caso que, além de nos dignificar, mostra bem o que vale a educação sanitária de um aglomerado populacional.

Dizia-me há tempo um colega meu, de uma ilha dos Açores, que as moscas na referida ilha eram tão poucas e combatidas que a autarquia local pagava por cada mosca apresentada um escudo. Certamente naquela ilha os turistas exigentes podiam percorrê-la de lés a lés sem serem incomodados nem enojados por um insecto cuja presença denota pouca higiene, falta de educação sanitária, e quase sempre serve para quem nos visita de pretexto para fazer alusões pouco dignificantes.

D. C.

Torneio Popular DE FUTEBOL

Em prosseguimento deste torneio, realizou-se, no passado domingo, perante fraca assistência, a 3.ª jornada da segunda volta, com os seguintes encontros:

Hortalense-Atlético e Guadiana-Celeiro, tendo-se verificado os resultados seguintes:

Hortalense, 2-Atlético, 0
Guadiana, 2-Celeiro, 3

Jogos para hoje:

Hoje, efectua-se os encontros referentes à penúltima jornada, com os encontros seguintes:

Atlético - Celeiro — 16 horas
Beira-Mar - Guadiana — 18 horas

UMA POUSADA EM CACELA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

percorreram todo o litoral sotaventino desejando encontrar esse sítio predestinado pela Natureza, para receber no seu seio os turistas que durante todo o ano, demandam a nossa provincia, maravilhando-se com a neve perfumada das amendoeiras ou desanuviando o espirito por entre gente acolhedora e praias encantadoras.

Depois de todo o litoral percorrido, procedeu-se ao confronto de locais e panoramas, e de todos eles apenas um, e diga-se com toda a justiça, que ele é o mais encantador e privilegiado panorama de todo o sota-vento, escolheu-se o Forte, sobranceiro ao mar, na primitiva vila de Cacela (Cacela Velha, como é conhecida), construído no ano de 1794, por D. Nuno de Men-

donça e Moura, no reinado de D. Maria I.

Do alto das suas ameias, dominando todo o litoral, desde Tavira até à Praia de Santo António, estende-se o mar, dolentemente, correndo entre linguas de areia, que mais parecem braços adormecidos de ninfa encantada, ou espriando-se em lagoas azuladas e de cintilações multicores ao cair do sol.

Quase junto à água, numa rara beleza encontram-se hortas verdejantes, onde água doce, escorre lascivamente de poços a pouca profundidade, a escassos metros do mar.

Do desenho para a bela e encantadora pousada, que dentro em breve estará já a construir-se, respeitouse o primitivo traçado do Forte, sendo este todo remodelado. Dentro do baluarte será então construído em linhas modernas um magnífico prédio de rés-do-chão e primeiro andar, todo rodeado de vastos jardins, onde a aragem do mar, com o aroma dos campos vizinhos, tornarão a mais bela e saudável estância de repouso e turismo de toda a provincia.

No largo fronteiro ao Forte, será construído um jardim de recantos aprazíveis e um parque de estacionamento.

Todos os aposentos terão quarto de banho privativo,

chauffage, água corrente, quente e fria e todos os requisitos que tornarão esta Pousada na mais bela e luxuosa de todo o Algarve.

Para a guarnição da Guarda Fiscal, que desde há anos ali se encontra instalada, será construído um novo Posto, na encosta da colina onde está edificado o Forte.

Esta Pousada, vem suprir uma falta que há muito se notava na nossa provincia. Sempre que individualidades ministeriais se deslocavam ao Algarve, tinham de ser instaladas, ou na Pousada de S. Brás de Alportel, tendo todos os turistas que aí se encontravam de se retirarem, para deixar vagos os seus alojamentos, ou na Quinta de Cima, em Cacela, propriedade do sr. eg.º Sebastião Ramirez.

Assim dentro em breve o Algarve passará a contar com mais um atractivo turístico, que satisfará plenamente os mais exigentes visitantes nacionais ou estrangeiros.

A. de Mendonça

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

Certa educação recebida nas escolas seria a ideal das educações, se... nunca a tivéssemos recebido. Os contras dessa pseudo-educação estão, sobretudo, nisto: é que, largada a escola, temos de gastar largo tempo, a apagar, do espírito, aquilo que nunca lá deveria ter sido gravado. De tutelados temos de passar a ser tutores de... nós mesmos. De discípulos dos outros temos de passar a ser discípulos de... nós próprios. Todo o saber que conosco trazíamos nos ficava curto nas mangas. E', depois, necessário ajelá-lo inteiramente às medidas do nosso espírito, às exigências da vida.

SUPERLATIVOS

Entre nós, não sabemos ser comedidos no louvor. Não somos capazes de empregar os substantivos desacompanhados de uma escolta de adjectivos, e estes por somenos se nos afiguram, porque logo os subimos às grimpas do superlativo. Não temos a noção da justa medida. O pecado do excesso é o nosso jettinho peculiar. Quando é que a César e a Deus daremos as respectivas partes, sem cairmos na escandalosa lisonja que, bem feitas as contas, equivale a um insulto? A verdade, porém, é que de tal maneira nos habituámos a esses insultos que os não dispensamos.

HERESIA E ORTODOXIA

Geralmente, a reacção é proporcional à acção. A heresia de hoje toma calores iguais aos da ortodoxia de ontem. Ontem, eram os ortodoxos que crucificavam os herejes, hoje são os herejes que queimam os ortodoxos. A heresia de ontem é a ortodoxia de hoje, a ortodoxia de ontem é a heresia de hoje. Isto se passa no mundo da religião, e isto ocorre também nos demais sectores onde se registam alterações no modus faciendi. Durante séculos, em pedagogia, viveu-se em regime de «escola sentada» — «écote assise», como se diz nos países de língua francesa. Essa foi a ortodoxia considerada intangível por gregos e troianos. Mas, eis senão quando, apareceram os pregoeiros da escola activa. — e da escola sossegadinha transitou-se para a escola-tumulto. O oitenta de além não era bom, e oitenta daqui não é melhor. A disciplina e a ordem dos alunos à maneira da disciplina e ordem das telhas do telhado são coisa péssima. Mas a indisciplina de criar bicho, o nilismo da ordem, estão longe de ser óptimos sistemas.

Houve um tempo em que, no mundo da escola, tudo eram apreciações subjectivas, pedagogia de palpite — e essa foi a dogmática pedagogia de aquém e além-mar. Caiu-se, depois, no extremo oposto da escola «sur mesure», da escola em que tudo era medida — a medida transformada em tema e... teima. Excessos da banda de lá, excessos da banda de cá, e portanto necessidade de dividir a conta ao meio: nem tanto ao mar nem tanto à terra. Nem o oito nem o oitenta, mas a média aritmética. Nem a defesa incondicional do passado, nem o ataque sistemático às inovações do presente. Do passado nem tudo é bom, do presente nem tudo é mau. O espírito de ponderação é conciliador: nem turiferar o que foi nem incensa o que é; que polva o bom de ambas as partes, e segue seu caminho, que o rei manda seguir, não manda armar brigas quesilentas.

Obra de Agostinho da Silva

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
biografia passa, assim, da sua intensificação erudita a divulgação cultural — e de que modo superiormente e educacionalmente conduzido! Francisco de Assis, Franklin, Robert Owen, Zola, Lincoln, Lamemais, Pestalozzi e Leonardo da Vinci, por exemplo, adquirem uma personalidade nova, como que mais humana e compreensível, entrecalam-se no mundo efectivo de nós todos. O génio, a obra, a vida e o tempo de cada biografado tomam esse encanto belo de um mundo que é nosso também, de um mundo em que se sofre e ama, se luta, vencendo-se e sendo-se vencido, como é próprio da nossa condição.

Vasco Abilí

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA



CRONICAS IRREQUIETAS

Instantâneo 6x9
Com fundo negro, foi captado no domingo, pouco depois do aparecimento do «Noticias do Algarve» com as Crónicas.

Esta foi ouvida na Sorveteria
— E eu que já estava tão descansada, até já tinha arranjado outro de fora, e lá voltaram as «Crónicas»...

PRECISA-SE
Para «groom», jovem com apresentação, falando 3 ou 4 línguas.
Pedem-se boas referências e qualidades, incluindo a de saber ESPERAR.
Resposta ao «Grande Hotel da Praia de Monte Gordo».

Há dias, fui até ao jardim da Escola Masculina no intuito de aspirar um pouco daquele ar saudável, que vem dos pinheiros. Por detrás do meu banco, no outro lado da álea que me protegia de uma brisa fresca, conversavam animadamente, duas meninas já um pouco entradas, na altura da vida, onde os anos já são a transição da Primavera para o Outono.
Em dado momento, na fresquidão da tarde, o silêncio foi cortado por dois curtos pios, bastante sonoros.
— Olha é um cuco, disse uma delas, eu já uma vez contei quantas vezes ele cantou, dizem que são os anos que nos faltam para casarmos!
— Olha, vamos contar? Estou desejosa de saber quando caso.
O cuco, talvez porque a tarde estava amena e o ar límpido e com boa repercussão aos seus sons estridentes, continuou por largo tempo a sinfonia.
A mais nova olhou a companheira, viu-lhe as pequeninas ru-

De vez em quando...

MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
do às praias vizinhas de Lisboa e que também gostava de apañar conchilhas.
Estávamos neste ponto absolutamente de acordo.
Era aqui que eu queria chegar ao iniciar estas linhas.
Pessoa pouco viajada porque sempre me tem faltado gasolina para o automóvel; quinze anos permanentes de Lisboa só tendo passado por esta faixa uma ou duas vezes a convite de meu filho que me leva no seu carro, gosto entretanto de ver e observar o que vou vendo.
E reparei que nestas pequenas praias junto das quais o Tejo se enlaça com o mar, uns homens varriam as sujidades que sempre o mar deixa na sua bagueira. Vi também espalhados pela areia uns recipientes destinados a recolherem o lixo produzido pelas multidões que frequentam estas praias.
Pelo que tenho visto, lido e ouvido não hesito em proclamar primas ente todas, a praia de Monte Gordo, a praia da fidelidade à qual entregava meus filhos sem que o coração se me sobressaltasse nas visões alucinantes do perigo.
Quando há já muitos anos minha mulher veio a Lisboa consultar para meu filho mais novo, o patriarca das crianças, o velho Doutor Salazar de Sousa, este recomendou-lhe as areias do mar e sabendo que ela era do Algarve, sem saber de qual ponto, acrescentou: — A senhora tem lá Monte Gordo...
Tenho almoçado bastantes vezes na praia e finda a refeição as naturais sujidades são enteradas numa cova mais ou menos funda, para depois voltarem à superfície; tenho visto a praia suja de limos, tábuas podres, cascas de mariscos...
Numa praia isto é ampla, de areia tão fina, isto é como um escauro na limpidez de um vidro, ou uma pustula numa cara formosa.
E sendo tão simples o remédio não haverá quem queira providenciar para a cura?

Trindade e Lima

gas, que pouco a pouco lhe iam aparecendo na face e disse-lhe com ar preocupado e aflito:
— Escuta lá, tu acreditavas nisso?

Compram-se
Peles de raposas novas. Chumbos, esquecimentos e descuidos. Resposta a este jornal ao n.º 777.

Tempos Modernos
Diógenes andou, em pleno dia, com uma candeeira acesa à procura de um «homem»...
Hoje, anda-se com um Cadillac, para se encontrar uma «mulher».

Ditos & Mexericos
Consta que algumas mããs da nossa terra, andam angariando assinaturas para uma *Homenagem de Reconhecimento* às «Crónicas Irrequietas».
Pois com o aparecimento das «Crónicas», dizem, que é a única maneira de saberem o que fazem as filhas.

Diz-se, que a nova moda dos fatos de banho, atrapalhou um bocado algumas famílias.
Dizia uma mamã: Mas se as raparigas não se mostrarem, quem é que lhes pega?

Consta que a *Liga dos Bons Costumes*, está a fazer a revisão de um processo intitulado: *Um passeio na noite de S. João*.
Com franqueza, esta *Liga* tem mais que se lhe dá...

Que certa menina, fazia contas de andar no Verão, num carro de corridas em companhia máscula, segundo consta houve pane nos projectos, agora a corrida é para outro.

Que num jantar de aniversário realizado há dias, fizeram-se altos projectos.

É Verão. O sol tépido do entardecer e o vento ameno, convidam à meditação e ao amor. As flores expostas à brisa, dobram-se enlanguescidas, preguiçosas.
Eles são jovens e amam-se, têm encontro marcado. Ele corre, sedento daquelas horas de amor. Ela espera ansiosa, pelos momentos em que ouvirá da boca máscula, a confissão do muito amor e as multiplas promessas de felicidade.
Estão a poucos metros. Ela vê-o. O seu rosto é um cenário de felicidade. Estende-lhe as mãos num gesto de entrega, os rostos aproximam-se e...

Os 2 Reporteres e um Fotógrafo
Visado pela Comissão de Censura

A MISSÃO DO JORNALISTA

Foi um grande acontecimento na história da medicina quando o célebre Laennec, homem genial e crenche, inclinado ansiosamente sobre o peito dos enfermos, armado com o estetoscópio, inventado por ele, um dia os auscultou, distinguindo e interpretando os mais débéis sopros, os fenómenos acústicos dificilmente perceptíveis dos pulmões e de coração. Não será uma função social de primeira ordem e de grande interesse a de penetrar no meio do povo, de escutar e discernir as suas aspirações e o mal-estar dos contemporâneos, de escutar e discernir as palpitações dos seus corações, de buscar remédio aos males comuns, de tocar delicadamente as chagas para as curar e as livrar da infecção que poderia sobrevir por falta de cuidado, evitando irritá-los com um contacto demasiado rude?
(Dio XII, 19 de janeiro de 1944)

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

balho, oportunidade de publicação — que noutra altura lhe fora negada.

Mas vamos ao livro, aos «Problemas da Mentalidade».
Como o autor esclarece, a primeira parte compõe-se dos apontamentos sobre os quais assentou a sua recente conferência «O papel das bibliotecas na profilaxia mental», realizada a convite da benemérita Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no Porto.

A segunda parte compõe-se de «Círculo Vicioso», publicado já no «Noticias do Algarve», de «Os editores portugueses em representação internacional», no qual se tecem judiciosas considerações a propósito da presença dos editores portugueses na União Internacional dos Editores e, finalmente, de «Os intelectuais à prova», no qual se defende o ponto de vista de que cabe agora aos intelectuais provar a excelência das suas teorias e depositando nelas as maiores esperanças para a paz e prosperidades mundiais.

A primeira parte do livro, pelos assuntos de transcendente importância que aborda, é aquela que mais valoriza a obra.

Victor de Sá analisa, com forte poder dedutivo, a circunstância excepcional dos homens do século XX, gozando do usufruto de uma civilização milenária; possuidor da experiência vivida pela última guerra, que foi o trágico resultado de uma política totalitária; e assistindo a uma Paz que se estabeleceu mas que não se respeita; circunstância excepcional de termos nascido sob o signo do progresso que a electricidade, a máquina, o automóvel e o avião representam; de estarmos vivendo já na era da energia atómica, cujos pontos máximos a que pode levar a Humanidade ainda não se conhecem totalmente, para nos fazer sentir todo o peso imenso que sobre nossos ombros assenta como homens que devemos construir uma perfeita harmonia social, baseada na cultura e na acção, não uma acção derrotista e destrutiva, mas uma acção que coloque o homem nos caminhos exactos que o hão-de guiar à fraternidade e bem estar universais, não pelos idealismos inoperantes do passado, mas pelos valores positivos e construtivos do presente.

Fala-nos dos organismos que dia a dia surgem no mundo com o espírito de estabelecer uma colaboração internacional, fazendo com que a soberania dos Estados caminhe cada vez mais paralela à soberania de uma comunidade de Nações. Cita-nos a UNESCO — no domínio da cultura e da ciência, e a União Europeia, que está procurando estabelecer um mercado comum. Este mercado comum, todavia, encontra-se ainda muito comprometido pelos mesquinhos interesses nacionais, e disso tivemos já a prova com a suspensão da comparticipação da França, anunciada já depois de ter sido publicado o livro de Victor de Sá.

O panorama da actualidade dá-nos o Victor de Sá nestas suas palavras:
«Quando dizemos: estamos em 1957 — isso não tem apenas um significado cronológico e civil. Vai também implicado um conteúdo cultural e sociológico, o somatório duma experiência vivida pela humanidade — que se chama civilização — e o somatório duma experiência vivida pelos que coexistem numa mesma época — que é a geração».

Compara e escalpeliza as grandes correntes filosóficas e demonstra certas interdependências, patenteando quanto representa para a maioridade intelectual que hoje vivemos, a História da Filosofia.

Analisa em que consiste o problema da mentalidade, explicando as diferenças que entre si separam os povos, desde a antiguidade aos nossos dias. Põe em evidência a resistência das sociedades a tudo quanto possa vir perturbar ou destruir as tradições que nelas criaram raízes. Referese à cidade como centro irradiador da cultura e das ideias para acentuar que cada país não é apenas a cidade, a capital, mas um todo que tem de ser como tal encarado, se quisermos pugnar verdadeiramente pela elevação da mentalidade, no sentido de a tornar actual em relação ao que se passa de decisivo no mundo para o progresso da Humanidade. Daqui deduz o «fenómeno sociológico português», no qual verifica que o resto do país, em relação às principais cidades, tem uma «micromentalidade» aldeã,

incapaz de reagir e criar as condições indispensáveis a um estado progressivo de vida e que esse resto do país representa uma esmagadora maioria da população, factor primário do nosso atraso sociológico, intelectual e educacional, que não tem merecido as atenções de ninguém.
Mais adiante, afirma:
«O adormecimento social é incompatível com o dinamismo característico dos tempos modernos. É certo que uma mentalidade senil pode disfrutar das comodidades dum automóvel de luxo. Mas a própria existência de automóveis de luxo numa sociedade onde os Padres Américos têm uma tarefa ingente a realizar, põe problemas de ordem económica, moral e social, que não podem deixar de chocar as mentalidades, de as despertar e sacudir do seu sono».

Não deixa de parte a acção da Igreja, que estuda com exactidão e dela nos dá uma imagem extraordinariamente real nestas palavras simples, mas profundas:
«Encaro a Igreja como uma instituição social existente na sua objectividade inegável. É fácil a um crente exortar apologeticamente a sua igreja; é fácil a um ateu dedicar-lhe epigramas abjuratórios». Depois, tece uma série de considerações, finalizando por afirmar que temos de tomar consciência do nosso nível mental, tendo em conta que é à volta da Igreja que ele se desenvolve e, daí se devem tirar as conclusões que nos hão-de guiar no caminho necessário. Em Portugal tem-se sempre confundido a fé com o interesse verdadeiro da ciência, quando ambos são totalmente distintos, sem que, todavia, possam incompatibilizar-se e deixar de caminhar paralelos. E cita, muito a propósito, as honestas palavras do Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha, sobre os quatro pontos de relação entre a Fé e a Ciência:

1.º — Não pode haver contradição, e não há, entre uma verdade de fé e uma verdade científica.
2.º — Pode haver contradição entre a opinião dum teólogo e uma verdade científica. Neste caso, a opinião do teólogo é falsa.
3.º — Pode haver contradição entre uma teoria científica e uma verdade de fé. Neste caso, é falsa a teoria científica.

Na nossa peregrinação pela província temos verificado — e podemos afirmar que com prazer — que os livros de valor encontram nas livrarias lá estabelecidas lugar de preponderância. E ainda bem que assim acontece, porque isto é quase uma certeza de que a boa literatura anda mais perto de quem mais necessita dela. Oxalá não nos enganemos nos nossos pensamentos.

José dos Santos Marques

A PONTE SOBRE O RIO GUADIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

daria às duas povoações como aos dois países.

Portugal, presentemente, possui das melhores empresas de camionagem da Europa, que atravessam o País de norte a sul, fomentando a rapidez de fornecimento do comércio e da indústria.

Muitos dos produtos exportados pela nossa província, e por quase todo o sul do País são dirigidos para Espanha, Itália e Tânger, passando dali para todo o território marroquino; tais exportações poderiam ser facilitadas na sua rapidez de entrega e baixo custo de transporte, com a utilização da ponte sobre o rio Guadiana, sem os entraves e demoras de transbordos, seguindo directamente para o centro e sul de Espanha, ou para Algeciras, indo depois para Tânger, ou então para todos os países que afloram com a margem esquerda do Mediterrâneo.

Eis um dos aspectos da construção da ponte na economia algarvia que é digno de estudo da parte das autoridades competentes.

Pela fronteira de Vila Real de Santo António passaram, num período de 5 anos, 5.297 automóveis, o que denota bem o tráfego entre as duas margens. Igualmente passaram, de 1952 a 1957, cerca de 200.000 pessoas, o que demonstra, sem mais adjectivos, o movimento de turistas que diariamente utilizam os magníficos serviços da empresa concessionária.

O projecto da citada ponte, ligando a nossa vila à cidade de Alentejo, já há muitos anos esteve em estudo e em condições bastante favoráveis para a sua construção.

Esta obra de grande projecção turística para os dois países, esteve em estudo no gabinete do grande Ministro português Eng.º Duarte Pacheco, o malogrado

4.º — Com a maioria de razão, não pode haver oposição entre uma teoria científica e uma opinião teológica. Neste caso, tanto podem ser falsas ambas as afirmações contrárias, como somente uma delas».

Mas logo esclarece «que estas regras são válidas só para o homem da fé», embora acrescentando que «se os sacerdotes que se espalham pelas nossas aldeias tivessem bem presentes aqueles princípios, certamente não seria tão confrangedora a obstinada oposição a toda a concepção crítica e inovadora». Mas regozija-se, de seguida, que no «seio da igreja», aqui e além, se vislumbra uma «reacção saudável a esta estreiteza de vistas».

E num sistemático e dedutivo exame às realidades da época que atravessamos, em que o saber, a inteligência e o poder de observação e de crítica caminham de mãos dadas, vem falar-nos dos vícios fundamentais da mentalidade, do prejuizo dos dualismos políticos, da implicação económica e cultural que resulta da União Europeia, para chegar, finalmente, à importância das bibliotecas como instituições centrais para a actualização da mentalidade, terminando por demonstrar a absoluta necessidade de existir uma cadeia de bibliotecas que seja paralela a uma rede escolar e que abraça os clubes desportivos. Aqui as ideias de Victor de Sá plenamente se identificam com as nossas.

Ao falarmos dos livros de Victor de Sá há um facto que nos entristece: o de os não vermos expostos nos escaparates das livrarias lisboetas. Será culpa dos livreiros, que estão alheios ao valor real das obras para pensarem apenas nos seus lucros comerciais, ou de Victor de Sá, que é o autor, editor e distribuidor das suas obras?

estadista a quem a nossa terra tanto ficou a dever.
A ponte projectada pelo Eng.º Duarte Pacheco compreendia, além de ligações rodoviárias, ligações ferroviárias, à semelhança da Ponte D. Luís, no Porto.
Deste modo começariam a funcionar *Expressos* para todo o sul de Espanha e Portugal, tornando-se mais rápida a carreira já existente entre Lisboa e Sevilha, em combinação da C. P. com a Empresa Arturo Damas, de Huelva.
Também todos os produtos de exportação poderiam seguir nos vagões de mercadorias, o que, com um acordo comercial entre as províncias do Algarve e Huelva, permitiriam um acréscimo de trocas de produtos, o que viria fomentar novas indústrias, fortalecer outras e aumentar a produção.

Os jornais diários focaram, no passado mês, que estava em estudo a abolição de vistos entre Portugal e Espanha, o que, deste modo, virá ainda aumentar mais o movimento de turistas entre as duas fronteiras.
Feliz ideia a do Alcaide de Alentejo, D. Narciso Martin Navarro, por quem nós temos a mais alta admiração pelo seu dinamismo e amor excepcional que dedica à terra natal, quando pediu ao ilustre Conde de Vallellano a construção da ponte sobre o Guadiana.

Agora só nos resta esperar, pois que o algarvio, se bem que seja tido como impaciente, é, em matérias de construções, bastante paciente e submisso. O tempo dirá o que se fará acerca do assunto tratado, que demonstra bem o importante papel que desempenha na vida económica e turística das duas Nações.

A. de Mendonça

Assina e propaga "Noticias do Algarve"